

“Isto é o que me lembro com toda a verdade, sem faltar um ponto de tudo o que aqui digo”: A queda de Salvador para os Holandeses a partir de uma Relação de Sucesso

“This is what I remember in all truth, without missing a point of everything I say here”: The fall of Salvador to the Dutch from a Relação de Sucesso

Isis Macedo Tejo*

Resumo

Durante a Idade Moderna, as Relações de Sucesso tiveram um papel na divulgação de notícias e na consolidação de poder por meio da cultura escrita, e os reinos ibéricos, assim como outros, as usavam em larga escala. Esse artigo pretende entender a queda da cidade Salvador, ocorrida em 1624, por meio de uma Relação de Sucesso escrita nesse período, analisando o papel que ela possa ter desempenhado na divulgação de notícias e na formação da opinião pública a respeito da monarquia hispânica e dos líderes da resistência na colônia, o governador geral Dom Diogo de Mendonça Furtado e o bispo Dom Marcos Teixeira, observando também o papel de Salvador como parte crucial do império português sob comando da monarquia Habsburgo.

Palavras-chave: relações de sucessos; Guerra Holandesa; Império Português.

Abstract

In Modern Age, ‘Relações de Sucesso’ [single event news pamphlets], played a role in the dissemination of news and consolidating power through written culture, and the Iberian kingdoms, as well as others, used them on a large scale. This article intends to comprehend the fall of the city of Salvador, which occurred in 1624, through a *Relação de Sucesso* written in that period, analyzing the function that it may have performed in the dissemination of news and in the formation of public opinion regarding the Hispanic monarchy and the resistance leaders in the colony, the Governor General Dom Diogo de Mendonça Furtado and the Bishop Dom Marcos Teixeira, also observing the role of Salvador as a crucial part of the Portuguese empire under the command of the Habsburg monarchy.

Keywords: Single event news pamphlets; Dutch War; Portuguese Empire.

* E-mail: isis.tejo@ufba.br

Introdução

O presente artigo busca fazer uma breve análise sobre a queda da cidade salvadora perante os holandeses, ocorrida em 1624, a partir da *Relação da perda da Bahia, por Fr. Francisco de São João descalço de S. Francisco*¹, uma Relação de Sucesso escrita na cidade de Salvador por um frei, tendo em vista o papel que esse tipo de documentação desempenhava na divulgação de notícias e consolidação de poder a respeito da monarquia hispânica e dos líderes regionais por meio da cultura escrita, além do papel de Salvador como parte crucial do império da monarquia Habsburgo.

Em 1580, a crise dinástica em Portugal, provocada pela morte precoce do rei Dom Sebastião numa batalha para defender interesses da monarquia católica em Alcácer-Quibir (HERMAN, 1998), levou Filipe II da Espanha a governar Portugal, e apesar de ter continuado um reino separado, tornou o país subordinado a Espanha até o ano de 1640, período que ficou conhecido como Monarquia Compósita². Não só Portugal se tornou subordinado à Espanha, como também suas colônias ultramarinas da América, África e Ásia. A América Portuguesa passa então a representar o fortalecimento da posição da Espanha na América do Sul, sendo o complemento perfeito para os territórios já existentes; Perez (2016, p. 108) afirma que devido a sua localização estratégica, passa a ser considerado uma espécie de escudo que defenderia a riqueza da Espanha, ou seja, a prata retirada do Peru, e a ocupação dos demais territórios. Para que o território da América Portuguesa funcionasse como o escudo pretendido por Filipe II, diversos fortes foram construídos no fim do século XVI nas capitais das capitanias; na Bahia por exemplo, foram erguidos nesse período os fortes de Montserrat, Santo Antônio da Barra, Santa Maria, São Diogo e outros três fortes, prevendo a necessidade de proteger o território de possíveis ataques inimigos.

Os prováveis inimigos eram potências europeias que aspiravam aos territórios e riquezas conquistados pelos países ibéricos. No processo de se tornar uma potência, a Espanha acaba por acumular inimigos, e as causas dessas inimizades eram diversas. Tais conflitos eram endossados por disputas territoriais, fossem elas no ultramar ou no continente europeu – além disso, o motivo religioso, de acordo com Muñoz (2011, p. 127) também era usado como justificativa para a guerra, considerando que os reinos ibéricos, sobretudo a Espanha, eram conhecidos como Reinos Católicos, e seus principais adversários eram reinos protestantes; Inglaterra e Holanda.

¹ BIBLIOTECA DIGITAL HISPÁNICA (BDH), Manuscritos, bdh0000242865.

² O período da Monarquia Compósita ocorre após a morte de Dom. Henrique I, que governou por dois anos, após o desaparecimento de D. Sebastião. Com a inexistência de um herdeiro, a crise de sucessão portuguesa é estabelecida, e por fim, Filipe II da Espanha, que era neto de D. Manuel I, acaba por ser coroado rei. VALLADARES, Rafael. **Portugal y la Monarquía Hispánica, 1580-1668**. Madrid, Arco Libros 2000; SCHAUB, Jean-Frédéric. **Portugal na Monarquia Hispánica (1580-1640)**. Lisboa: Livros Horizontes, 2001.

A Holanda vinha de um histórico recente de conflitos com a Espanha: As províncias do norte dos países baixos haviam se declarado independentes ainda no século XVI, enquanto as províncias do sul permaneceram sob domínio Habsburgo. Segundo Boxer (1957, p. 27), após a Trégua de 12 Anos com a monarquia Hispânica, os países baixos então independentes criaram a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, ou em holandês: *West-Indische Compagnie*, WIC. A WIC, criada em 1621 para promover a colonização e comércio das Américas mediante a conquista, tinha em vista também conseguir negócios com o tráfico transatlântico de escravos da África para o Brasil, além de tentar conquistar alguma das capitânicas do Brasil para servir como base tanto para o tráfico de escravos e transporte de açúcar, como para interceptação de galeões espanhóis carregados de prata, e, em algum momento, fundar colônias para plantio de açúcar em solo brasileiro. Pouco após a criação da WIC, a Holanda começa a preparar, em segredo, uma grande armada para tomar Salvador da Bahia, capital da América Portuguesa. Foi a primeira vez que a supremacia marítima da monarquia hispânica no além mar foi seriamente ameaçada. Durante o ano de 1623, a WIC organizou a armada, que foi composta por 26 navios com cerca de 3000 homens e mais de 400 canhões em sua posse, de acordo com Boxer (1973). Levando em conta que a Holanda se encontrava na Guerra dos 30 anos contra a Espanha, e ainda nas Índias Orientais em busca de um controle marítimo que permitisse o monopólio deles em cima dos produtos exportados, pode se imaginar o imenso esforço financeiro que foi montar essa armada e equipar esses homens a fim de mandá-los a Salvador da Bahia.

A WIC não mediu esforços para manter esse ataque rodeado de mistérios. Bousard (2018) acrescenta que além de tentar esconder ao máximo seus planos, também tentaram despistar os adversários com a difusão de diversas notícias falsas, que rapidamente eram propagadas. Contudo, tanto Espanha quanto Portugal, por intermédio de informantes, ficaram a par dos planos Holandeses e conseguiram avisar o então governador de Salvador da Bahia e do território do Brasil, Diogo de Mendonça Furtado, que um ataque Holandês era iminente, e que o mesmo deveria organizar as forças da cidade o quanto antes. Furtado se viu com uma grande questão para resolver: Como defender de maneira efetiva quase 4.000 quilômetros de costa em tão pouco tempo? Como veremos a seguir, a organização da defesa da cidade foi extremamente difícil, e assim, a armada holandesa organizada pela WIC obteve sucesso em seu intento com muita facilidade. A facilidade foi tamanha, que algumas teorias foram criadas; e segundo Schwartz (2000, p. 253), os cristãos-novos residentes de Salvador teriam ajudado os holandeses, ou até mesmo patrocinado a armada que conquistou a cidade. O domínio holandês durou cerca de um ano, até a monarquia hispânica organizar a maior armada a cruzar o Atlântico até então, contando com cinquenta e seis navios, cerca de mil canhões, e mais de doze mil castelhanos, portugueses e napolitanos, atesta Schwartz (2009, p. 7).

As batalhas que ocorreram tanto na queda quanto na reconquista de Salvador se tornaram alvo da curiosidade da população europeia, principalmente dos países envolvidos, mas não apenas deles. Para que as notícias do ocorrido na Bahia fossem devidamente propagadas

na Europa, foram escritas Relações de Sucesso, que de acordo com Megiani (2018, p. 548), eram uma espécie de notícias que podiam ser breves, contando com pouquíssimos fólios, ou volumosas, especialmente quando o fato narrado tinha vários episódios; manuscritas ou impressas, que além de serem usadas como informação para o público em geral, ou como modo de relatar a alguém específico, eram também utilizadas como meio de propaganda política pelos monarcas, que encomendavam Relações, ou davam concessões para publicação apenas àquelas que serviam a seus intentos.

A bibliografia acerca da invasão holandesa é majoritariamente voltada à efetiva ocupação da capitania de Pernambuco, que durou mais de duas décadas; sendo assim, a invasão e ocupação de Salvador são deixadas de lado pela produção historiográfica, apesar de ter havido uma nova tentativa, desta vez infrutífera de conquista da cidade em 1638. Ainda assim, podemos afirmar que a bibliografia é decididamente mais modesta, tendo em vista que a grande parte dos autores escreve sobre a Guerra Holandesa de maneira mais abrangente, perpassando todo o período em que houve ocupação na América Portuguesa. Em *Os Holandeses no Brasil 1624-1655* (BOXER, 1957) Boxer dedica um capítulo para tratar dos anos iniciais dessa ocupação, entre 1621 e 1629, onde ele descreve de maneira excepcionalmente suscinta a ocupação holandesa em Salvador, dedicando a maior parte do capítulo ao processo de criação da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, (WIC), e aos anos posteriores à reconquista da monarquia hispânica. Já em *Salvador Correa de Sá e a luta pelo Brasil e Angola 1602-1686* (BOXER, 1952) do mesmo autor, o capítulo dedicado à Bahia é um pouco mais generoso, mas, ainda assim, é apenas um capítulo; o livro segue os passos de Correa de Sá para outras localidades. O livro *Salvador e a invasão holandesa de 1624-1625* de Behrens (2013) traz uma análise mais completa dos fatos ocorridos, desde o ataque e a rápida queda da cidade, que é o foco de seu trabalho, onde se propõe a desconstruir o mito de Salvador como uma cidade fortaleza, até a retomada no ano seguinte, e ainda os desdobramentos do pós-retomada. Já em *Guerra e Pacto Colonial: a Bahia Contra o Brasil Holandês (1624-1654)* Lenk (2013) traz estudo em que da invasão a Bahia é o foco, apesar de ser sob um viés militar e econômico, trazendo informações minuciosamente detalhadas acerca da organização do poderio militar. *Equus Rusus A Igreja Católica e as Guerras Neerlandesas na Bahia (1624 –1654)* de Magalhães (2010) nos traz a Guerra Holandesa na Bahia do ponto de vista da atuação da Igreja Católica, analisando o papel dela na organização da resistência tanto na capital quanto no recôncavo baiano, e as transformações que as estruturas eclesiásticas baianas sofreram ao longo da guerra. Ainda dentro da produção referente à invasão da capitania da Bahia, existem algumas publicações sobre as teorias do suposto auxílio vindo dos cristãos-novos, como o artigo de França (1970) *Um Problema: A traição dos cristãos-novos em 1624*, que trabalha durante toda a escrita a desconfiança pré-existente com relação a esses indivíduos e como ela foi reforçada pelo episódio da queda de Salvador.

Existe também uma produção historiográfica voltada para as relações de sucesso produzidas na ocupação holandesa na Bahia, onde temos como exemplo o artigo *A Jornada dos Vassallos por D. Jerônimo de Ataíde em 1625* (MAGALHÃES, 2016) que trata dessa relação específica, que apesar dos planos do autor, o fidalgo D. Jerônimo de Ataíde, não chegou a ser publicada. D. Jerônimo não pôde embarcar para Salvador junto à Jornada dos Vassallos³; sendo assim, sua relação é escrita com base nos relatos de terceiros. Já Clementino (2019) em *A Guerra Holandesa nas relações de sucessos seiscentistas* faz uma análise da produção de relações na Guerra Holandesa como um todo, abarcando todo o período de duração, de 1624 a 1654. *Dealing with Defeat: Dutch Brazil (1624) and English Jamaica (1655) in Newspapers from the Habsburg Netherlands* (BOUSARD, 2018) introduz uma discussão sobre notícias publicadas nos Países Baixos que pertenciam ao domínio Habsburgo.

A cidade de Salvador desempenhava um papel de destaque para os dois reinos conflitantes. A relevância de Salvador para Portugal, e posteriormente Espanha, era enorme, tendo em vista que a cidade era o centro jurídico e administrativo de toda a colônia, e após a criação de um bispado em 1551, a cidade se tornou também centro da administração religiosa (MARQUES, 2016, p. 20). A anexação de Portugal em 1580 foi peça chave para a Espanha, que através da expansão de seu império desejava fazer-se Monarquia Universal (GIL, 1996, p. 9), mantendo sob seu controle uma vasta parte do mundo conhecido até aquele momento. Salvador detinha um papel de extremo destaque, ocasionado pelas suas rotas privilegiadas de navegação, que tornava possível o contato com a África portuguesa, a América Espanhola e também com a Europa. Essa importância dupla de Salvador, tanto para a colônia, quanto como uma cidade com proeminência para todo o império Habsburgo, é o que de fato chama a atenção da Holanda, uma vez que o país tentava também forjar o seu próprio império.

A escolha da invasão a Salvador não deve ser lida como um mero “prelúdio” para a Guerra Holandesa, pois, pelo que contam as relações, a cidade não foi escolhida por acaso, como um mero teste da real força do Império Habsburgo, mas sim para compor o seu projeto de império holandês, devido aos pontos aqui apresentados. Tratava-se, por um lado, não apenas de tomar a cidade, apropriando-se das riquezas locais, e dos engenhos de açúcar próximas a Salvador, mas também de anunciar a proeza da conquista da cidade e a e quebra do domínio que monarquia hispânica mantinha no Atlântico Sul.

À luz de toda essa produção acadêmica, que como dito, é diminuta se comparada a produções sobre a ocupação pernambucana, esse artigo visa evidenciar o protagonismo da

³ Jornada dos Vassallos, é como ficou popularmente conhecida a armada organizada por Filipe IV para a reconquista de Salvador da Bahia. Foi a maior frota preparada pela monarquia Habsburgo desde a Invencível Armada, e contava com cinquenta e seis navios, e mais de doze mil homens vassallos ao rei de Espanha e Portugal, compostos por castelhanos, portugueses e napolitanos. (Schwartz, 1991)

cidade de Salvador nas Guerras Holandesas e das Relações como fonte e como suporte de notícias.

Relações de Sucesso

O período moderno é marcado pela novidade da imprensa, que facilitou o acesso de pessoas comuns à informação, e a impulsionou a produção de veículos de notícias. No século XVII, a curiosidade de saber o que acontecia nos palácios, nos países vizinhos e nas colônias ultramarinas movia uma parcela da sociedade na busca, consumo e produção dessas notícias e seus veículos. De acordo com Megiani (2018), a população comum se informava principalmente por meio de notícias avulsas, que circulavam de maneira mais rápida e mais barata, principalmente pelas capitais europeias, e por não serem textos produzidos por teóricos sobre um tema específico, marcados por uma estrutura mais rígida, as notícias circulavam de modo mais acessível para quem quisesse ler ou escutar. As Relações foram um modo muito popular de difundir notícias, principalmente na Península Ibérica, França, Inglaterra e Itália. Elas costumavam ser compostas geralmente por dois fólios, mas algumas poderiam ser volumosas, geralmente quando o assunto retratado se dividia em vários episódios. As relações de Sucesso variavam de tamanho, e poderiam falar também de batalhas e conquistas.

As relações e também as cartas no período moderno são dotadas de uma importância singular para a divulgação de notícias e na consolidação de poder por meio da cultura escrita. Com a criação da imprensa, é bem verdade que a circulação de notícias impressas se popularizou bastante, porém o manuscrito tinha um papel tão grande quanto na propagação de informes, principalmente nos países ibéricos. De acordo com Bouza (2001), os manuscritos eram feitos para circular entre as pessoas, serem vendidos, e às vezes revendidos, assim como os impressos. O autor ressalta que apesar da sociedade naquela época ser em sua maioria analfabeta, muitos desses escritos eram lidos em voz alta em praças ou tabernas, fazendo assim com que a notícia chegasse a todos. Mais do que analisar as fontes que tem em mãos, muitas vezes em seu livro Bouza as utiliza para obter informações acerca de quem as escreveu ou de quem as copiou, se fosse o caso. Porém, uma das ideias que mais chamam atenção durante o livro e que mais servem a nosso propósito como referencial teórico é a de que a escrita andava de braços dados com a ideia de consolidação do Estado, uma vez o propósito de escrever para que se preservasse ações e conquistas de um determinado reino, nesse caso específico a Espanha moderna, começa com a fundação do Arquivo de Simancas por Filipe II da Espanha.

Megiani (2012) reafirma a importância dada por Bouza aos manuscritos, questionando a ideia de que eles caem em desuso quando os impressos surgem, e ressaltando a importância dos manuscritos para a circulação de notícias, promovida por copistas profissionais e amadores, que ajudavam nessa difusão imprescindível nos governos à distância, também para notícias e correspondências oficiais do clero, e ainda para aqueles escritos que eram apenas notícias de lugares distantes. A mesma autora elenca como um dos principais motivos para o grande consumo de notícias a curiosidade das pessoas comuns. Uma vez que se tinha oportunidade de

saber o que ocorria em reinos distantes, nos palácios, e nas colônias ultramarinas, as pessoas as buscavam. Nem sempre essa notícia precisava ter um grande impacto político, ela precisava apenas ser peculiar para que atraísse de vez a atenção das pessoas: Os relatos das batalhas, os feitos dos fidalgos, os acordos diplomáticos realizados com outros reinos, desastres naturais, casamentos em reinos longínquos; se uma relação dessa conta de um, ou vários desses assuntos, era certeza de grande procura pelas pessoas comuns.

Devido à já sabida curiosidade do povo comum e a rápida circulação, os monarcas já tinham em mente como as notícias poderiam influenciar a opinião dos súditos a respeito deles. Assim, esse aspecto se torna extremamente importante ao se analisar qualquer tipo de relação, notícia ou aviso principalmente aquelas endereçadas ao monarca em questão, ou às impressas que obtiveram as licenças necessárias para tal. Mendes (2019) nos aponta que ainda que as notícias, principalmente as relativas a campanhas do monarca, fossem impressas, ainda eram lidas em espaços públicos onde pessoas de camadas sociais distintas se encontravam para ouvi-las, debatê-las e, por que não, criticar ou caçoar delas. Esses espaços públicos eram ecléticos, podendo ir desde catedrais, casas de jogos, ou o porto; dependia de como funcionava a cidade em questão. Muitas vezes era possível circular rapidamente entre esses locais de debate da mesma cidade, ficando bem-informado em questão de horas. O que a autora ressalta a todo momento é que as pessoas comuns realmente se ocupavam da política: a discutiam, consumiam de fato as notícias com o intuito de ter embasamento para discutir. É por esse motivo que a opinião pública se torna tão importante para os reinos ibéricos na Idade Moderna. Se toda a população se preocupa em consumir notícias a fim de discuti-las depois, e essa não é mais uma preocupação apenas de pessoas letradas e provenientes da nobreza, os monarcas tinham aí uma chance de ouro para se fazerem chegar a essa realidade: encomendando relações de sucesso e notícias que não só descrevessem seus feitos, mas deixassem clara a sua superioridade bélica, por exemplo, assim como o traquejo na diplomacia, e impedindo de circular as relações menos favoráveis, algumas vezes fechando oficinas impressoras ou revogando licenças se fosse necessário.

Pensando na questão da opinião pública, e como as relações estavam intimamente ligadas a ela no período filipino, Curto (2011) se propôs a fazer um debate sobre cultura política não só nas diferentes camadas sociais, como também diferentes temas que permeiam a política, e como formam a opinião pública. Passando por diferentes episódios ligados ao Sebastianismo, relíquias de santos apresentadas à população, demonstração do poderio militar de Filipe II, e a política nas cortes, o autor utiliza das mais diversas fontes manuscritas e impressas para embasar a sua extensa pesquisa. Ao indicar que um acontecimento político não esgota seus significados e interpretações assim que se finda, o autor sinaliza o modo como esses acontecimentos poderiam ser levados à esfera pública, e que diversas vezes, poderiam ser descritos do ponto de vista de interesses privados, e assim, influenciar as mais diversas camadas da sociedade, com determinado ponto de vista. Assim, ao analisar diversas fontes manuscritas e impressas a fim de entender a cultura política e como se construía o pensamento das diversas

esferas sociais no período filipino, é possível estabelecer relações com o sentimento de pertencimento a um reino.

A Relação da perda da Bahia, escrita pelo Frei Francisco

A relação em que iremos nos aprofundar nesse artigo é intitulada *Relação da perda da Bahia, por Fr. Francisco de São João descalço de S. Francisco*⁴, se encontra no arquivo online da Biblioteca Nacional de Espanha, e está contida em um códice chamado *Papeles Vários*, que conta com diversos outros relatos manuscritos sobre temas e localidades diversos; nele não consta quem foi o responsável pela encadernação e qual o critério para a seleção dos manuscritos, tampouco a quem ele pertencia. Sobre o autor, pouco se sabe, exceto pelo que ele nos relata em seus escritos: De acordo com a documentação, ele era um frade franciscano, que estava em Salvador quando ocorreu a invasão. A *Relação* conta com 18 fólios recto e verso manuscritos em português e é dividida em nove tópicos com títulos que tentam resumir o assunto a ser tratado, e vai desde a notícia recebida pelo então governador, Diogo de Mendonça Furtado, de que naus foram avistadas próximo a Boipeba, até pouco depois do funeral do bispo Dom Marcos Teixeira.

Como vimos anteriormente, a escrita de uma Relação de Sucesso é intimamente ligada ao ponto de vista de quem a escreve. A relação escrita por Frei Francisco é uma evidência disso, e quando confrontada por outros relatos e estudos publicados por alguns historiadores, alguns dos fatos podem causar estranhamento. Na introdução da relação, por exemplo, Fr. Francisco relata que o Governador convocou moradores de outras cidades, esperando que viessem mais de três mil pessoas para se somar ao contingente já existente em Salvador. A preocupação e a presteza do de Diogo de Mendonça Furtado ficam evidentes nesse momento; ele já havia recebido um aviso da coroa de que a WIC havia montado uma armada, que até então não se sabia o destino, mas que talvez pudesse aportar em Salvador, e já se preparou para o pior. Fr. Francisco não expõe em sua relação, mas tanto Behrens (2013) quanto Boxer (1957) em seus livros descrevem um Dom Marcos Teixeira arreado em acatar as ordens do governador para a defesa da cidade. Quando parte das pessoas convocadas do Recôncavo começaram a chegar, e os inimigos ainda não tinham dado sinal de ataque, Behrens (2013) afirma que o bispo as recomendou que fossem embora, pois ele acreditava que a ofensiva havia sido suspensa, ao que as pessoas prontamente acataram a recomendação. Dom Marcos parece ter essa atitude descuidada, provavelmente por confiar que a cidade resistiria sem dificuldades a um ataque, como resistiu a outros que aconteceram desde que as coroas da Península Ibérica se tornaram uma, apesar de outros ataques terem sido voltados ao curso, com poucos homens e naus atacando a cidade.

⁴ (BDH), Manuscritos, bdh0000242865.

Ao longo da Relação, o autor destaca o Governador e o Bispo como as duas principais personalidades na defesa de Salvador, ainda que em momentos diferentes. Furtado de Mendonça é descrito como um homem de ação, como vemos no trecho: “O Governador mandou por a a gente toda por su ordem andando elle de hua parte a otra com muyta deligencia: mandou as naos, que no porto estavão por las por suas ordem [...]”⁵ e que apesar de ser esforçar desde o princípio na organização da defesa da cidade, com os poucos recursos que tinha, foi mal assessorado em algumas batalhas, e não contou com o apoio de umas das principais personalidades da cidade: Dom Marcos. Já ao Bispo, é conferida uma descrição de líder político e militar, que gozava de apoio e estima da população, mas só toma esse papel após a prisão e a deportação de Mendonça. Foi Dom Marcos, após a conquista de Salvador pelos inimigos, que reuniu a população e organizou a resistência e os próximos ataques a cidade, sendo visto por todos como um líder: “[...] o Bispo a todos consolava e animava co oque ria, ria, com quem chorava, chorava: de mta q a todos sabia levar como Pastor [...]”⁶. Na relação não fica claro porque esses dois personagens agem de maneira tão distinta quando o ataque parece iminente: O governador em desespero, com um postura um tanto quanto derrotista manda atear fogo em todas as naus aportadas quando vê chegando os Holandeses à Baía de Todos os Santos, enquanto o Bispo, reforça aos populares que não havia necessidade de desespero, desencoraja a mobilização vinda de outras cidades e só se dá por vencido quando os soldados inimigos tomam o forte de Santo Antônio da Barra. Quando a invasão da cidade propriamente dita acontece, ela já estava deserta: os habitantes já haviam escapado, e apenas o governador e 20 de seus homens ficaram para defendê-la. Um ato de lealdade ao rei e senso de dever, ou um homem que não desistiu de uma causa perdida? Pelo que conta o autor, parece um pouco dos dois. Certamente o esforço de Mendonça Furtado para proteger a cidade até o último minuto seria bem-visto pela coroa, e, se continuasse vivo, poderia receber honrarias por defender o território de Filipe IV.

Quando aportaram nas redondezas da fortaleza de Santo Antônio e a capturaram, antes de começarem a se organizar para tomar a cidade, segundo Frei Francisco, os holandeses deram início ao que seria uma série de saques e destruição aos templos sagrados. Em Vila Velha, que ficava próxima a fortaleza, eles “[...] robarão o que acharam, e os Templos sagrados qbrando cantos e profanando os ornamentos”⁷. Esse é o primeiro episódio descrito pelo Frei, que alega que ao tomarem o Convento de São Bento, continuaram:

“[...] ahi commesarão sua furia maior em as coisas sagradas os santos quebraram de muita que san Bento lhe derão muytos cuchilhadas; a santo Amaro lhe tirarao co sugidade de gente a Vigem St mae a fizerao

⁵ (BDH), Manuscritos, bdh0000242865 fólio 3

⁶ (BDH), Manuscritos, bdh0000242865 fólio 11

⁷ (BDH), Manuscritos, bdh0000242865 fólio 6

em retalhos, e assim forao fazendo ao mais que acharao sem perdoar a coisa alguma como ereges que erao.”⁸.

O autor ressalta que a cidade estava completamente abandonada nesse momento, e que eles tomaram para si como alojamento alguns dos conventos. Além disso, saquearam toda a cidade, achando muita prata e ouro, tanto nas igrejas e conventos quanto em casas.

Tendo em vista que o nosso autor é um frei franciscano, os crimes contra a fé da Igreja Católica são assunto importantíssimo para ele. Os acontecimentos descritos, onde os invasores profanam e destroem elementos da fé católica, são importantes para entendermos como eles eram considerados inimigos não só por atacarem a cidade, mas também por ser hereges, já que a Holanda era um país protestante. A questão da heresia é uma das justificativas para a dramaticidade de suas palavras, quando compara a pilhagem feita à cidade, a outra, ocorrida em Jerusalém, quando os muçulmanos conquistaram a cidade. A destruição de imagem sacras dentro das igrejas com facadas, nas ruas arrastando-as com cordas amarradas, o ato de passar excrementos humanos, tudo isso parece indignar mais o autor do que os saques cometidos contra as igrejas e conventos, que provavelmente já eram esperados.

Em dado momento da relação, Fr. Francisco passa a narrar como os habitantes fugitivos se comportaram logo após sair da cidade, tendo perdido suas moradias e posses. Segundo o autor, nesse momento, as pessoas atribuíam as desgraças que aconteciam aos constantes pecados carnis que eram cometidos pela maioria dos que viviam na cidade. Na relação consta que era uma situação calamitosa: mulheres, velhos, crianças, grávidas, doentes e feridos das batalhas de antes. O estado de confusão era geral; por terem fugido durante a noite, alguns se perderam dos seus familiares na fuga, então além do desespero para se afastarem o máximo possível da cidade, com medo de serem perseguidos pelos holandeses, ainda tentavam no meio dos fugitivos, encontrar seus parentes. Com o passar dos dias, os fugitivos, que quase nada conseguiram levar consigo, passaram muitas necessidades. Fr. Francisco contou que, por exemplo, por três dias comeram farinha de pão, na falta de outra coisa, que dormiam ao relento, e que se o Brasil não fosse um local de clima temperado, certamente muitos teriam perecido. Evidentemente a situação era de penúria, já que a fuga foi repentina, feita às pressas durante a noite afim de evitar que os civis sofressem nas mãos inimigas, mas é possível que o autor tenha exagerado em seu relato, tentando gerar comoção e talvez fazer com que a ajuda chegasse mais rápido.

As rápidas atitudes dos inimigos também são pensadas nesse momento; segundo o autor, eles trataram imediatamente de murar grandes partes da cidade que estavam desprotegidas, a fim de torná-la mais segura. Esse é um fato que salta aos olhos do leitor da fonte: Como Salvador, a capital da colônia, cidade importante não só para o Brasil, mas para

⁸ (BDH), Manuscritos, bdh0000242865 fólio 7

toda a conjuntura da monarquia hispânica, tinha tantos locais sem proteção adequada, que o seu inimigo após a conquistá-la, tratou imediatamente de resolver essa questão. É nesse momento que entendemos como mesmo com investimento, ainda que menor do que requerido pelos governantes da capitania, era custoso e trabalhoso manter uma cidade do nível de Salvador segura. A importância de Salvador é ainda ressaltada pelo Fr. Francisco, no momento em que ele relata que diversos clérigos foram capturados pelos flamengos nos portos de Salvador, pois se dirigiam à sede do bispado sem saber o que havia ocorrido. Eles também se apropriaram de todo o estoque de açúcar e fumo que puderam encontrar, e despacharam quatro naus cheias de seus espólios para a Holanda; nessas naus também foram enviados o Governador e seus filhos, que haviam permanecido na cidade.

É após a fuga da cidade que o Bispo Dom Marcos Teixeira, ganha destaque na relação. Dom Marcos, vendo a situação da população, que ia se dispersando pouco a pouco, e sem um líder, visto que o governador fora capturado e eles não sabiam sequer se ele ainda estava vivo, decide por organizar os fugitivos. Seu medo era que se a população não se juntasse naquele momento, seriam, pouco a pouco dizimados pelos holandeses e a recuperação da cidade seria muito mais trabalhosa. Segundo o autor da relação, o bispo era um líder nato, sabia como consolar cada pessoa, de jeito que ela ficasse satisfeita; sua fama de líder era tamanha, que em dado momento, um rico senhor viajou várias léguas com oitenta homens para se juntar à causa.

No arraial, Dom Marcos não deixou de lado suas obrigações religiosas: “todos os dias havia sermão que o senhor Bispo fazia em o arraial com tanto favor e espírito que mais parecia aos ouvintes sermão de paixão”⁹. Por fim, ele conseguiu reunir cerca de dois mil homens dispostos a lutar pela cidade e pela defesa de seus habitantes fugitivos, ainda que tivessem pouquíssima pólvora e arcabuzes para tanto. Dom Marcos começa então, a colocar em ação uma estratégia militar, feita às pressas e sem recursos: divide esses homens em grupos, cada um com seu próprio capitão, e eles partiam para assaltos na região da cidade. Nesse momento, os holandeses já estavam mais habituados com a região que ocupavam, e além de sair da cidade, começaram a rondar as fazendas mais próximas, com o intuito de pilhar o que conseguissem delas. Assim, os encontros entre as pequenas tropas que saíam do arraial e as tropas do inimigo se tornam frequentes, e apesar das constantes baixas, acontecia de as tropas dos homens de Dom Marcos saírem vitoriosas desses confrontos, e quase sempre matavam alguns holandeses; os homens inclusive, recebiam recompensas se conseguissem abater um dos flamengos, como eram muitas vezes chamados os inimigos. Com as perdas que sofria no contingente, o bispo passa a divulgar que aqueles que tivessem cometido crimes e que quisessem perdão, receberiam por meio dele, com o aval de Sua Majestade, Filipe IV, contanto que se juntassem as tropas que tentavam se opor aos inimigos.

⁹ (BDH), Manuscritos, bdh0000242865 fólio 11

Causa estranhamento que o Bispo tenha sido citado em nenhum momento anterior na relação, como se ele não tivesse agido a favor da defesa da cidade antes da derrota para os inimigos. Por ser um clérigo, o que deduzimos das palavras de Fr. Francisco, é um esforço para trazer uma imagem positiva do Bispo, levando em consideração que com as suas escolhas antes e durante o ataque, a sua reputação poderia ter sido prejudicada. A atitude de reunir as pessoas no Arraial do Rio Vermelho e rapidamente organizar uma reação, também mostra que Dom Marcos possa ter ficado preocupado com as suas ações e como elas iriam repercutir na corte; muito se falava da coragem de Mendonça Furtado e como ele lutara por Salvador até o último segundo, enquanto o Bispo, além de não ter colaborado com nenhuma das ações de defesa, ainda sugeriu que a população vinda do Recôncavo baiano retornassem as suas casas, já que o mesmo não acreditava em um ataque iminente. Assim, a ideia de que Dom Marcos tentava se redimir depois de seus posicionamentos questionáveis, ganha força com a organização militar que ele conduz, mesmo que com pouquíssima pólvora e armas. Os assaltos que organizou nas fronteiras da cidade, e a promessa do perdão de crimes aqueles que se juntassem a sua causa, além de seu esforço para manter elevados os ânimos dos fugitivos, mostra que talvez tenha tido sucesso em seu intento.

Entretanto, por mais que fosse um homem disposto a liderar, o Bispo era um homem da igreja, e lhe faltava experiência tática. Muitos dos assaltos que mandava a cidade acabava com todos os homens eliminados, e talvez por isso, tenha lhe ocorrido a urgência de retomar a cidade cerca de um mês depois que os flamengos haviam efetivamente se instalado nela. O dia escolhido para a investida contra os inimigos é o dia treze de junho, dia de Santo Antônio, que no momento ainda era o padroeiro da cidade de Salvador, e apesar de terem conseguido adentrar as portas do Convento do Carmo e matar dois dos homens que encontraram, sem sofrer nenhuma baixa, os holandeses haviam se preparado para uma possível investida, afinal, já haviam consertado os muros, os fortes danificados na batalha de conquista da cidade, e tinham pólvora e armas, além de homens de armas suficientes para barrar as investidas dos baianos. A derrota apesar de decepcionante para o Bispo, garantiu que os assaltos voltassem a acontecer, e com uma emboscada armada num desses assaltos, os homens do Bispo conseguiram aniquilar o general dos inimigos, o que foi muito sentido dentro dos portões da cidade, gerando temor, e pelo menos por um período, os holandeses passaram a não se distanciar da cidade, evitaram a todo custo saídas por terra, usando apenas o mar sempre que é necessário. Eles não podiam se dar ao luxo de continuar perdendo homens, principalmente aqueles que ocupavam altos cargos, pois não era tão simples trazer mais combatentes da Holanda.

O cansaço do bispo se torna visível a todos após a infrutífera investida à Cidade, então o Capitão Mor de Pernambuco, Matias de Albuquerque, não podendo vir ele mesmo ajudar nas tentativas de reconquista da cidade, envia um Capitão, um homem conhecido seu e já muito experiente em guerras, para que auxiliasse o Bispo. Porém, a lealdade dos refugiados ao clérigo era tamanha, que o homem foi mal recepcionado, e se não fosse a intervenção de Dom Marcos,

nem recebido ele teria sido. O homem começa então a governar, dando prosseguimento ao que o bispo havia feito, apesar de não ter tanto apoio do povo quanto o outro. O Bispo, então, sai para descansar na casa de um fazendeiro que de bom grado o recebeu e pouco tempo depois, começa a sentir febres; um médico judeu foi o único encontrado para tratar de Dom Marcos, e cuidou dele por alguns dias. Após dez dias doente, o bispo faleceu, e alguns começam a propagar a ideia de que ele fora envenenado, o autor inclusive, afirma que havia “muitas mostras de lhe terem dado peçonha”. Segundo o autor, a morte foi muito sentida; “[...] grande foi o sentimento de todos; não havia escravo nem pequeno, nem grande, que não chorasse sua morte pois ficava orfan de tal Pay”¹⁰, uma vez que o bispo que tendo a opção de se esconder em alguma igreja, preferiu ficar ao lado do seu povo, como um bom pastor. O enterro do bispo foi modesto, por não haver muito o que ser feito; os inimigos, ao saberem das notícias, festejaram muito, pois entendiam que o bispo era peça central na organização dos homens.

Ao encerrar o seu relato, o autor decide por contar alguns detalhes que teriam ficado de fora, e não fariam parte da história da perda de Salvador, de fato. Sendo um homem religioso, as histórias de feitos de padres, e da proteção divina que recaía sobre eles, era com certeza, de primordial importância que fosse relatada. Ao noticiar esses acontecimentos de clérigos milagrosamente protegidos de tiros de canhão e arcabuz, ele afirma que foi o senhor Bispo que havia mandado esses homens para perto das batalhas, a fim de abençoar e animar os soldados. Esse é o único momento da relação que o Bispo é citado nos acontecimentos anteriores a perda da cidade.

Considerações finais

De fato, pouco foi pesquisado os assuntos referentes à ocupação holandesa em Salvador tendo esta como protagonista, e não um mero ensaio para uma verdadeira ocupação posterior em Pernambuco, e foi esse fato que a discussão bibliográfica feita no início desse trabalho teve como intuito ilustrar. Não é incomum que o episódio da Bahia seja relegado a um capítulo ou dois de um livro ou apenas uma passagem em um artigo. Evidente que por ter sido uma ocupação efetiva e ter durado mais que duas décadas, a invasão holandesa em Pernambuco oferece muito a ser escrito, mas é errôneo pensar que isso é motivo suficiente para que essa parte da história de Salvador permaneça esquecida pela maioria. A primeira tentativa de enraizamento dos holandeses no Brasil é então, desvalorizada, mesmo tendo sido alvo de grande investimento deles, até mesmo após o envio da armada dos países Ibéricos, que foi rapidamente organizada para retomar a cidade. Não somente por Salvador ter sido uma cidade de importância singular em ambos os momentos nos quais foi atacada, na primeira vez em 1624,

¹⁰ (BDH), Manuscritos, bdh0000242865 fôlio 17

mas também na segunda, em que uma nova invasão foi frustrada em 1638, pelas defesas mais alertas da cidade do que anteriormente.

O uso das relações de sucesso como fonte para a análise dos ataques holandeses ao Brasil ainda não é tão popular. O fato é que em sua maioria as relações costumam ser usadas como fontes para análise de discurso, e circulação de notícias, e a América Portuguesa, por não ter uma imprensa a época dos acontecidos, não tinha essas relações publicadas, ou pelo menos, não por meios oficiais. As que eram de fato escritas aqui, ou por indivíduos que vivenciaram aqueles momentos, eram publicadas impressas apenas nos países ibéricos, podendo ou não ser enviada para a colônia depois. No caso da relação que vimos aqui, sabemos que o Frei Francisco viveu os acontecimentos, mas em dado momento ele relata que viajou a Espanha, o que pode significar que ele a tenha escrito quando já estava em terras espanholas.

Pensando na questão previamente abordada de como a escrita poderia influenciar a opinião daqueles que tiveram acesso à aquela informação, a relação escrita por Frei Francisco cumpre seu papel nesse quesito, não de fazer uma propaganda positiva do monarca, mas sim daqueles que lutaram por Salvador e tomaram as rédeas da situação, mesmo que não tenham alcançado sucesso. O autor não se acanha ao tentar mostrar o que de melhor cada líder, a seu momento fez, e se abstém de fazer qualquer comentário negativo em cima de suas ações como alguns outros fizeram. As estratégias feitas em cima da hora e mal-arranjadas do Governador, segundo a pena de Fr. Francisco, se tornam uma questão de conselho de guerra mal pensado; por outro lado a total descrença do Bispo diante do ataque iminente e sugestão de que os reforços vindos das cidades vizinhas voltassem para casa, foram completamente omitidos. Eximindo-os da culpa pela queda da cidade, o autor auxilia assim na limpeza de imagem do Bispo já falecido, e ainda realça a honradez do homem que lutou pela cidade, em nome do rei até o último minuto. A relação, que podemos afirmar que traz o Bispo como personagem principal, expõe seus feitos e bem diz a sua imagem, e é possível afirmar que era exatamente esse o intento do autor, narrar os fatos da queda da cidade, e do que o sucedeu, trazendo Dom Marcos como um herói, que fez o possível com os poucos homens e armas que tinha disponível e sem um conhecimento avançado nos estudos de guerra e cerco.

A riqueza do relato de Frei Francisco é abundante, pois além de descrever em detalhes os acontecimentos e seus principais atores, temos também informações geográficas de onde alguns dos confrontos ocorreram. Essas características, tão ricas numa fonte histórica, não são exclusivas dessa relação específica; diversas outras Relações de Sucesso trazem relatos ainda mais detalhados, alguns com mapas inclusos, e muito mais fólios repletos de informações. Elas se provam, a todo momento uma riquíssima fonte de informações sobre a invasão holandesa em Salvador, com possibilidades plurais de análise.

FONTE

Relação da perda da Bahia, por Fr. Francisco de São João descalço de S. Francisco, Salvador, BA: FR FRANCISCO, Descalço de São João. 18 f: Biblioteca Digital Hispânica (BDH), Manuscritos, bdh0000242865. Disponível em: <http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000242865>. Acesso em 02 de Junho de 2021

BIBLIOGRAFIA

BEHRENS, Ricardo. **Salvador e a Invasão Holandesa**. Salvador, Editora Pontocom, 2013.

BOUSARD, Tiffany. **Dealing with defeat: Dutch Brazil (1624) and English Jamaica (1655) in newspapers from the Habsburg Netherlands**. *Early Modern Low Countries*, v. 2, n. 1, p. 24–44, 2018.

BOUZA ÁLVAREZ, Fernando. **Corre Manuscrito: Uma história Cultural del Siglo de Oro**. Madrid, Marcial Pons., 2001.

BOUZA ÁLVAREZ, Fernando. **El pueblo desea las noticias: Relaciones de sucesos y gacetas entre propaganda y esfera pública en la España de los Austrias**. In: CUATRO Siglos de Noticias en Cien Años: (1918-2018). Madrid: Hemeroteca Municipal de Madrid, 2018. p. 113-143.

BOUZA ÁLVAREZ, Fernando. **Portugal no Tempo dos Filipes 1580-1640**. Edições Cosmos, Lisboa, 2000.

BOXER, Charles Ralph. **The Dutch in Brazil, 1624-1654**. Oxford: Clarendon Press, 1957.

BOXER, Charles Ralph. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola 1602-1686**. São Paulo, Editora Nacional, 1973.

CLEMENTINO, Kléber. **A Guerra Holandesa nas relações de sucessos seiscentistas**. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 41, p. 490-514, maio/ago. 2019

CURTO, Diogo Ramada. **Cultura Política no Tempo dos Filipes (1580-1640)**. Lisboa, Edições 70, 2011.

FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. **Um problema: a traição dos cristãos-novos em 1624**. *Revista de História*, v. 41, n.83, p. 21-71, 1970.

GIL, Xavier. **Imperio, monarquía universal, equilibrio: Europa y la política exterior en el pensamiento político español de los siglos XVI y XVII**. *Lezioni / Università di Perugia*, Dipartimento di Scienze Storiche, Perugia, v. 12, p. 3-23, 1996.

HERMANN, Jacqueline. **No reino do desejado**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

LENK, Wolfgang. **Guerra e Pacto Colonial: A Bahia Contra o Brasil Holandês (1624- 1654)**. Alameda Editorial, 2013.

LÓPEZ-SALAZAR CODES, Ana Isabel. **Inquisición y política: el gobierno del Santo Oficio en el Portugal de los Austrias (1578-1653)**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2011

MAGALHÃES, Pablo Iglesias. **A Jornada dos Vassalos por D. Jerônimo de Ataíde em 1625**. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, vol. 471, p.219-280, abr-jun. 2016.

MAGALHÃES, Pablo Antônio Iglesias. **Equus Rusus: A Igreja Católica e as Guerras Neerlandesas na Bahia (1624 – 1654)**. Orientador: Profa. Dra. Maria Hilda Baqueiro Paraíso. 2010. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

MEGIANI, Ana Paula Torres. **Escritos breves para circular**. *Varia História*, v. 35, p. 535–563, 2018.

MEGIANI, Ana Paula Torres. **Contar coisas de todas as partes do mundo: as Relaciones de Sucesos e a circulação de notícias escritas no período filipino**. Cultura e Sociabilidades no Mundo Atlântico, Editora Universitária UFPE, Recife, p. 469-483, 2012.

MEGIANI, Ana Paula Torres. **Memória e conhecimento do mundo: coleções de objetos, impressos e manuscritos nas livrarias de Portugal e Espanha, séculos XV XVII**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.17. n.1. p. 155-171. jan.- jun. 2009.

MENDES, Caroline Garcia. **Gazetas, Mercúrios e Relações de Sucesso: a produção e a circulação de notícias impressas na Península Ibérica na segunda metade do século XVII**. Orientador: Ana Paula Megiani. 2019. 297 p. Tese (Doutorado em História) - Da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-31072019-113033>.

MUNÓZ, José Eloy. **Los asuntos de Flanders: Las Relaciones entre las cortes de la monarquía Hispánica y de los países Bajos durante el siglo XVI**. [S.L], Academia Española 2011.

PARKER, Geoffrey. **El ejército de Flandes y el Camiño Español: 1567-1659**. Madrid: ALIANZA EDITORIAL, 2003.

PÉREZ, José Manuel Santos. **Brazil and the Politics of the Spanish Habsburgs in the South Atlantic: 1580-1640**. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de (ed.). *The South Atlantic, Past and Present*. Dartmouth: Tagus Press, 2016. cap. 2, p. 104-120.

SCHAUB, Jean-Frédéric. **Portugal na Monarquia Hispânica (1580-1640)**. Lisboa: Livros Horizontes, 2001.

SCHWARTZ, Stuart B. **Luso-Spanish Relations in Hapsburg Brazil**. *The Americas*, Vol. 25, Nº1, p. 33–48, Berkeley, 1968.

SCHWARTZ, Stuart B. **The Iberian Atlantic to 1650**. *The Oxford Handbook of the Atlantic World: 1450-1850*, OUP Oxford, Oxford, p. 147-164, 2011.

SCHWARTZ, Stuart B. **The Voyage of the Vassals: Royal Power, Noble Obligations, and Merchant Capital before the Portuguese Restoration of Independence, 1624-1640**. *The American Historical Review*, vol. 96, no. 3, 1991, pp. 735–762.

SCHWARTZ, Stuart B. **When Brazil was Jewish. New Sources on the fall of Bahia**. *Pour l'histoire du Brésil, L'harmattan*, Paris, p. 245–260, 2000.

VALLADARES, Rafael. **Portugal y la Monarquía Hispánica, 1580-1668**. Madrid: Arco Libros, 2000.

Artigo recebido em 19/03/2021 e
aprovado para publicação em 15/06/2021